

# DESDOBRAMENTOS DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE “PAISAGEM” E “LUGAR” PENSANDO A QUESTÃO CIDADE- CAMPO CONTEMPORÂNEA\*

José Augusto da SILVA\*\*

**Resumo:** Este trabalho tem a intenção de fazer uma discussão sobre “A Questão Cidade-Campo, Agroindústria e Movimentos Sociais”. Pensar a “Paisagem” e “Lugar” em nossa contemporaneidade é pensar a dinâmica das relações de trabalho e produção, é pensar o ordenamento e produção espacial pela força do “kapital”. O tema Cidade-Campo é debatido nesse texto na perspectiva da Paisagem Geográfica e da singularidade do Lugar.

**Palavras-chave:** Geografia; Paisagem; Lugar; Cidade-Campo; CAI's (Complexos Agroindustriais).

## Introdução

Os últimos 40 anos trouxeram grandes revoluções para o território brasileiro, onde houve uma rápida transformação nos processos produtivos, sendo incorporado um amplo parque industrial de insumos agrícolas com incentivos governamentais.

O avanço nos aparatos tecnológicos trazendo a modernização para a agricultura brasileira aumentou a produtividade das culturas destinadas ao mercado externo, ao mesmo tempo que trouxe sérios danos ambientais, concentração da posse da terra, o acúmulo exagerado de riquezas, desemprego etc.

Como materialidade espacial, uma nova configuração da paisagem, um lugar onde as ações têm repercussão muito mais ampliada, um rural que pode ser confundido com o urbano; a formação de complexos agroindustriais.

Neste texto levantamos algumas discussões procurando entender essas novas relações.

## A categoria Paisagem: um caminho para entendimento da realidade, a materialidade dos CAI's

Para o entendimento do processo de “humanização” dos territórios, dentro de uma dinâmica de produção capitalista faz-se importante o desdobramento dos conceitos de paisagem e lugar que servirá para orientação conceitual na análise do processo de ocupação do meio rural e urbano. Foi valorizada nessa discussão as obras do Geógrafo Milton Santos e de outros seguidores referente ao assunto.

\* Tema apresentado como trabalho final da disciplina “A questão Cidade-Campo, Agroindústria e Movimentos sociais” ministrada pelo Prof. Dr. Antonio Thomaz Jr. no Curso de Pós-Graduação em Geografia da FCT/Unesp/Campus de Presidente Prudente.

\*\* Mestrando no Curso de Pós-Graduação em Geografia - Faculdade de Ciências e Tecnologia - UNESP - 19060-900 - Presidente Prudente - SP - Brasil.



Para se pensar em paisagem faz-se importante apreender a dimensão dos elementos que fazem parte desta categoria de análise.

Considerando todos os espaços como geográficos determinados pelo movimento da sociedade, da produção, Santos (1994), afirma que "tanto a paisagem quanto o espaço resultam de movimentos superficiais, uma realidade de funcionamento unitário, um mosaico de relações, de formas, funções e sentidos" (Santos, 1994, p. 61). Para o Geógrafo pensar em movimentos superficiais é discutir os limites tomados pela ação antrópica no globo, ou seja, o que é natural e o que é artificial.

Santos (1994) ao refletir sobre a questão coloca que:

*"A paisagem artificial é a paisagem transformada pelo homem, enquanto grosseiramente podemos dizer, que a paisagem natural é aquela ainda não mudada pelo esforço humano. Se no passado havia a paisagem natural, hoje essa modalidade de paisagem praticamente não existe mais. Se um lugar não é fisicamente tocado pela força do homem, ele, todavia, é objeto de preocupação e intenções econômicas ou políticas." (Santos, 1994, p.64).*

As questões levantadas por Santos (1994) podem ser materializadas no território nacional no conjunto de componentes do complexo das forças produtivas vinculadas ao capital/trabalho atuantes no país nos últimos 40 anos.

É importante entender, por exemplo, a dinâmica dos CAI's (Complexos Agroindustriais) na materialização de uma nova paisagem e, sobretudo, na influência de paradigmas para entendimento da questão Cidade-Campo.

O processo de "caificação" tem sua origem na modernização e industrialização da agricultura.

Para Kageyama:

*"(...) Por modernização da agricultura se entende basicamente a mudança na base técnica da produção agrícola. É um processo que ganha dimensão nacional no pós-guerra com a introdução de máquinas na agricultura (tratores importados), de elementos químicos (fertilizantes, defensivos, etc), mudanças de ferramentas, de cultura ou novas variedades. É uma mudança na base técnica da produção que transforma a produção artesanal do camponês, à base da enxada, numa agricultura moderna, intensiva, mecanizada, enfim, numa nova maneira de produzir (...). Já a industrialização da agricultura envolve a ideia de que a agricultura acaba se transformando num ramo de produção semelhante a uma indústria como uma fábrica que compra determinados insumos e matérias-primas para outros ramos da produção (...)", (1987, p.1).*

Esse processo de modernização culminou, a partir da década de 60, na composição dos CAI's.

Graziano da Silva coloca que:

*"A noção de Complexo Agroindustrial objetiva privilegiar a interrelação entre os setores de demanda final e aqueles produtores*



*de insumos e meios de produção específicos para um determinado produto de origem agropecuária (...)* (1991, p. 16).

Portanto a constituição dos CAI's deve ser entendida como a integração a montante e a jusante entre agricultura e indústria.

As relações estabelecidas nesta dinâmica é que provocam a subordinação da agricultura à indústria. A agricultura está "presa" nos dois extremos do processo.

Dessa forma a produção familiar nos módulos arcaicos (arado e enxada) passam a estabelecer relações muito mais profundas na subordinação do trabalho ao capital.

A agricultura no módulo familiar é apropriada pelo capital industrial, expressa com propriedade por Oliveira.

*"No atual estágio de expansão capitalista no Brasil, que assistimos é o predomínio, quase completo, do capital industrial, ou comercial atuando na circulação e sujeitando a renda da terra produzida na agricultura"* (1981, p. 20).

Este movimento todo que está acontecendo, em outras partes do mundo (Países do Norte), já devidamente consolidado, traz uma nova composição da paisagem no território nacional, onde o "novo" passa a ocupar o espaço do "velho" e dia-a-dia sendo mais diferenciado em relação ao velho. O exemplo está na própria composição dos terrenos com agriculturas tradicionais vivendo lado a lado com a moderna.

Para Santos o novo e o velho:

*"é uma combinação de elementos com idades diferentes. O arranjo de um lugar, através da aceitação ou rejeição do novo, vai depender da ação dos fatores de organização existentes nesse lugar, quais sejam, o espaço, a política, a economia, o social, o cultural ..."* (1994, p. 98).

Estas questões nos dão um pouco mais de subsídio para entendimento dos elementos conceituais em torno da categoria paisagem.

Ainda segundo Santos (1994), a paisagem é um conjunto heterogêneo de formas naturais e artificiais, formada por frações de ambas, tendo como critério tamanho, volume, cor, utilidade ou qualquer outro. A paisagem é sempre heterogênea.

O processo de humanização dos territórios, tanto na área urbana quanto na rural, sem nenhuma sombra de dúvida, enquadra-se na definição da "paisagem artificial", portanto para uma análise da dinâmica da ação antrópica, pelo viés da leitura da categoria paisagem valorizando o intercâmbio entre os lugares/mundo faz-se importante a definição da diretriz a ser seguida.

Carlos dá o ponto de partida quando afirma que:

*"na Geografia, olhar a paisagem se coloca num outro nível, aquele da observação como parte integrante do método que caminha da abstração à idéia, ao entendimento completo do lugar percebendo diferenças, desigualdades, regularidades enquanto termos de mediação para constituição da teoria. Isto posto, é possível pensar o*



*lugar tendo como ponto de partida o 'olhar a paisagem'". (1993, p. 305).*

Mas faz-se importante, também, a leitura da paisagem mediante a relação de escala, Santos elucida esta problemática.

*"Nossa visão depende da localização em que se está, se no chão, em um andar baixo ou alto de um edifício, num miradouro estratégico, num avião... A paisagem toma escalas diferentes e assoma diversamente aos nossos olhos, segundo onde estejamos, ampliando-se quanto mais se sobe em altura, porque desse modo desaparecem ou se atenuam os obstáculos à visão; e o horizonte vislumbrado não se rompe." (1994, p. 61-2).*

Não obstante, devemos estar atentos para a interpretação da paisagem apreendida, não tomando-a como algo estático, a exemplo da fotografia, mas valorizando as relações intrínsecas ao quadro aparente. Isto faz lembrar o "tirar o telhado de uma indústria" (exemplo dado em aula pelo Prof. Thomaz) em pleno funcionamento e observar o movimento dos operários no esquema de produção concomitante à ação da chefia.

No entender de Santos (1994), a paisagem possui um movimento que pode ser mais ou menos rápido. As formas dos elementos que compõem a paisagem não estariam simplesmente vinculadas às possibilidades técnicas de uma determinada época, mas sobretudo vinculado às relações voltadas às questões econômicas, políticas, culturais, etc. Segundo o citado autor, a técnica embora tenha um papel importante não possui existência histórica, fora das relações sociais. Portanto "a paisagem deve ser pensada paralelamente às condições políticas, econômicas e também culturais" (Santos, 1994, p. 69).

Desta forma quando nos propomos a fazer uma análise do processo de humanização dos territórios pelo âmbito da paisagem e do lugar, o que aparece como preocupação primeira é justamente entender quais foram as forças políticas e econômicas que permitiram a organização de um determinado espaço e, por conseguinte, a paisagem.

A qual podemos melhor definir utilizando da conceitualização de Santos:

*"A paisagem é o conjunto de objetos que nosso corpo alcança e identifica. O jardim, a rua, o conjunto de casas que temos à nossa frente, como simples pedestres. Uma fração mais extensa de espaço que a nossa vista alcança do alto de um edifício. O que vemos de um avião que voa a 1.000 m de altura é uma paisagem, como a que apreendemos numa extensão ainda mais vasta, quando de uma altura maior. A paisagem é o nosso horizonte, estejamos onde estivermos". (1994, p. 76).*

Diante da convicção da dinâmica da paisagem, o conceito em torno da mesma, para Santos (1994), serve apenas como recurso analítico. Desta forma conclui que: "a paisagem é materialidade, formada por objetos materiais e não materiais". A materialidade dos objetos seria a condição fundamental para fixar relações sociais do passado.



No entendimento de Santos (1994) "a materialidade construída vai ser fonte de relações sociais, que também dar-se-á por intermédio dos objetos. Estes podem ser sujeitos de diferentes relações sociais – uma mesma rua pode servir a funções diferentes em distintos momentos.

É importante lembrar nesse momento que o poder político na figura do Estado tem uma função que deve ser considerada, na composição e ordenamento dessa paisagem.

No processo de composição dos CAI's abordado anteriormente, foi citado a produção capitalista como um dos agentes fundamentais envolvidos na nova organização espacial do território nacional, deve-se enfatizar, também, o papel do Estado Nacional brasileiro que teve uma participação fundamental, quando facilita o processo de implantação dos CAI's, por intermédio da formulação de políticas específicas, a exemplo das políticas fiscais.

A intervenção do Estado incentivando a modernização da agricultura no Brasil faz parte de um esquema que já vinha tomando forma desde a década de 30. A intervenção tem como instrumento central a política de financiamento que favoreceu a implantação dos CAI's.

Desta forma o Estado legitimou a expansão capitalista no campo subordinando a agricultura à indústria.

Portanto, o Estado na roupagem do social (classe dominante) teve um papel fatal no desmantelamento do *status quo* que imperava naquele momento, trazendo mais sofrimentos para os camponeses.

Assim sendo, pensar a paisagem, do ponto de vista do movimento – dinâmicas das relações – é fundamental para entendimento de uma fração qualquer da organização espacial – a qual é definida por Corrêa da seguinte forma :

*"Como materialidade, a organização espacial é uma dimensão da totalidade social construída pelo homem ao fazer a sua própria história. Ela é, no processo de transformação da sociedade, modificada ou congelada e, por sua vez, também modifica e congela. A organização espacial é a própria sociedade espacializada". (1991, p. 53).*

Todavia, a leitura da paisagem de qualquer localidade seria falsa se não for levado em consideração os intercâmbios entre os lugares/mundo.

### **3 A categoria Lugar: uma discussão necessária**

As trocas de mercadorias e valores culturais se acentuam após a Segunda Guerra Mundial e sobretudo na década de 70 com o advento da informática nos meios de comunicação e transporte.

A análise da categoria geográfica "Lugar" para entendimento da configuração da paisagem passa ser fundamental.

Dando início à discussão a respeito, começamos com Souza que nos encoraja afirmando que:



*“O ponto (lugar) sobrepõe-se ao plano (região), por uma dimensão da relação espaço tempo que gera novas geografias e novos objetos de investigação científica. E este é um dos grandes desafios da geografia atual, ou seja, identificá-los.” (1993).*

Fica clara a banalização de uma categoria de análise tão debatida historicamente na geografia como foi a “região” em detrimento da força da singularidade e dinâmica dos lugares/mundo na sociedade atual.

A autora continua:

*“A difusão da informação, dos objetos, da exploração e a degradação do meio ambiente, interfere nas identidades e dissemina as singularidades, indefinidamente, conectando lugares, por vezes, não contíguos.” (Souza, 1993).*

A questão é melhor esclarecida na obra de Carlos “O lugar no/do mundo”, que inicia a discussão alertando que:

*“Nas ciências humanas e na Geografia, em particular, o problema da redefinição do lugar emerge como uma necessidade diante do esmagador processo de globalização, que se realiza, hoje, de forma mais acelerada do que em outros momentos da história.” (1996, p.19).*

Há bastante coerência entre as citadas autoras no tratamento da importância da redefinição do lugar no atual processo de veiculação da informação e mercadorias.

Carlos concebe o lugar como:

*“hase da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade habitante - identidade - lugar. A cidade por exemplo, produz-se e revela-se no plano da vida e do indivíduo. Este plano é aquele do local. As relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos do uso, nas condições mais banais, no secundário, no acidental. É o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado através do corpo... é o bairro, é a praça, é a rua...” (1996, p. 20).*

Com essa afirmação a autora define que o lugar “não seria jamais por exemplo a metrópole”, tendo em vista o não reconhecimento e o contato orgânico com a complexidade da estrutura deste urbano. Isto serve obviamente para todas as cidades que não são “vivas”/conhecidas/reconhecidas em todos os cantos.

A metrópole “não é lugar” só pode ser viva parcialmente, conclui a autora.

Assim sendo, para entendimento do processo de humanização dos territórios, quando é feito um corte para a compreensão da nova organização espacial do território nacional, nos últimos 40 anos com a implantação dos CAI’s, faz-se importante levar em consideração a definição do lugar dentro de uma dinâmica de relações intermundos em detrimento da compreensão da própria paisagem.

O entendimento das relações Cidade-Campo, se é que podem ser divididas, dentro de uma ótica da compreensão geográfica, é possível através da modelagem da leitura ancorada nas categorias de análise geográfica paisagem e lugar.

No entanto, o maior problema está nas relações que são estabelecidas entre os lugares/mundos e força e dinâmica do sistema capitalista.

Quais são as variáveis que integram estes fluxos materializados nas paisagens geográficas?

Quando esta questão for respondida com o mínimo de clareza é provável que muitas indagações se esclareçam no entendimento da relação Cidade-Campo, ou melhor na organização social sobre os Territórios.

## Referencias Bibliográficas

- CARLOS, Ana Fani A. O lugar: mundialização e fragmentação. In: SANTOS, Milton et al. **Fim do século e globalização**. São Paulo: Hucitec / ANPUR, 1993. p. 303-9.
- CARLOS, Ana Fani A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1991. 93 p.
- GRAZIANO DA SILVA, Jose da. **Complexos agroindustriais e outros complexos**. Reforma Agrária, Campinas, v.21, n.3, set/dez. 1991.
- OLIVEIRA, Ariovaldo U. de. **Agricultura e indústria no Brasil**. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, n.58, 1981.
- KAGEYAMA, Angela et al. **O novo padrão agrícola brasileiro: do complexo rural aos complexo agroindustriais**. *Campinas, 1987 (Mimeogr.)*.
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1994, 124 p.
- SOUZA, Maria Adélia A. de. **A "explosão" do território: falência da região?** Rio de Janeiro: CADERNOS IPPUR/UFRJ, Rio de Janeiro, v.7, n.1, abr. 1993.